

# Tradução, autoconsagração e o efeito editorial na difusão da Escola de Frankfurt na Argentina através da coleção Estudios Alemanes

Translation, selfconsecration and editorial effect in the diffusion of the Frankfurt School in Argentina through the Estudios Alemanes collection

Alexandra Dias Ferraz Tedesco

<http://orcid.org/0000-0001-7840-5014> 

## RESUMO

Este artigo pretende analisar o efeito da operação de enquadramento editorial levada a cabo pela Editora Sur, vinculada à *Revista Sur*, na circulação do repertório frankfurtiano na Argentina da década de 1960. Ao traduzirem e divulgarem autores como Adorno, Horkheimer e Benjamin, a partir de sua posição específica no campo cultural argentino, a coleção Estudios Alemanes contribui para que seus autores sejam desvinculados da tradição marxista e alocados em uma categoria mais ampla de “pensamento alemão”. Com isso, a circulação desses autores fica restrita a certo público, já cativo da perspectiva teórica e política da *Revista Sur*. Neste artigo, descrevo a coleção nos marcos da difusão mais ampla da tradição alemã no campo letrado argentino, atentando para os deslocamentos de prestígio que ela mobiliza e, sobretudo, para a composição de uma “atitude intelectual” que, a despeito do conteúdo dos textos em circulação, condiciona a recepção e resignificação dos textos frankfurtianos.

## ABSTRACT

This article intends to analyze the effect of the editorial framework operation carried out by Editora Sur, linked to *Revista Sur*, in the circulation of the Frankfurtist repertoire in Argentina from the 1940s, 1950s and 1960s. When translating and disseminating authors such as Adorno, Horkheimer and Benjamin from its specific position in the Argentine cultural field, the German Studies collection contributes to its authors being detached from the Marxist tradition and allocated in a broader category of “German thought”. In this article, I describe the collection within the framework of the broader diffusion of the German tradition in the Argentine literary field, in view of the prestige displacements which it mobilizes and, above all, for the composition of an “intellectual attitude” which, in spite of the content of the texts in circulation, conditions the reception and re-signification of the Frankfurtian texts.

## PALAVRAS-CHAVE

Historiografia Argentina; História Contemporânea; História Intelectual

## KEYWORDS

Argentinean Historiography; Contemporary History; Intellectual History

Este artigo tem por objetivo investigar as operações de enquadramento editoriais que condicionaram a circulação das referências frankfurtianas na Argentina dos anos 1960. Inicialmente, é importante salientar que pensar em termos de recepção de uma “escola” é um ponto de complexidade em si mesmo, já que uma boa parte da definição sobre ou que é um grupo intelectual vem de outros grupos intelectuais, sendo, portanto, em larga medida, autorreferencial. Dessa forma, é preciso levar em conta que os grupos costumam ser identificados por fatores como confluência de ideias, de trajetórias individuais e de procedimentos, que envolvem também cerimoniais diversos, passíveis de interpretação e de operações de traduções as mais distintas. Na pista de Collins (2001), caberia questionarmo-nos sobre as condições institucionais que favorecem o aparecimento desses grupos enquanto coletivos nomeáveis e, principalmente, que viabilizam sua identificação póstuma, já que “uma tradição intelectual não é definida por seu conteúdo (nem por um cânone), mas por um tipo estabelecido de relações sociais dentro de um coletivo intelectual” (COLLINS *apud* FABIANI 2005, p. 195)<sup>1</sup>. No caso de Frankfurt, especificamente, para além da ponderação acerca da validade da ideia de escola, soma-se o alerta de Martin Jay (2008), subscrito por Vandenberghe (1998), para quem a teoria crítica da escola de Frankfurt é um mito acadêmico: são teóricos falando de objetos similares a partir de uma tradição coletivamente compartilhada, o marxismo ocidental: “um círculo de intelectuais paramarxistas e uma teoria radical e totalizante da sociedade” (1998, p. 7). Tendo em vista esse panorama de debates, este artigo assume, por um lado, a construção *a posteriori* do denominador “Escola de Frankfurt” e, por outro, considera que tal marcador é válido para o argumento de que a circulação dos autores dessa tradição, objeto desta análise, está na base da própria circulação do marcador “Escola de Frankfurt”.

*1 - A partir deste trecho, todas as traduções são minhas.*

Para os fins desta análise, é necessário partir de um dado que singulariza o universo letrado argentino: o importante número e alcance das revistas culturais que existiam, naquele

país, nas primeiras décadas do século XX. Além da hipertrofia numérica, o prestígio dessas instâncias consagratórias era inversamente proporcional ao papel da universidade como legitimadora dos discursos sobre o mundo intelectual, situação que permanece, ainda que de modo oscilante, até fins da década de 1950. É através dessa poderosa rede de revistas culturais que a tradição filosófica alemã se consolida no campo letrado argentino. A título de exemplo, a permeabilidade das referências germânicas no mercado simbólico argentino pode ser acessada a partir da apresentação que Francisco Romero faz à publicação, em 1942, do *Índice de la filosofía alemana traducida al español*.

No início do século atual, após o positivismo, há um renascimento filosófico em que intervêm os países com maior produtividade científica e que têm impacto sobre os demais. Esse reavivamento começa, como se sabe, com o retorno a Kant, com a projeção de interesse para a filosofia kantiana como doutrina e como possibilidades. Marburgo torna-se a Meca do movimento neokantiano. Dom José Ortega y Gasset e Don Manuel García Morente introduzem na Espanha as novas correntes de pensamento. Não é mais uma filosofia de importância secundária, escolhida pela inclinação pessoal de um estudioso, como é o caso do krausismo. O neokantismo de Marburgo foi a direção capitalista do pensamento da época, a expressão mais fiel de sua consciência filosófica. Poderia ser relegado a um segundo mandato e até ser descartado antes de novas formas de filosofar, mas sem obcecar sua eficiência e fecundidade, seu papel essencial de fermentação e ponto de partida. A partir dessa etapa inicial, a curiosidade em relação à filosofia alemã acorda e se estende na Espanha e na América de língua espanhola. As traduções responsáveis são discutidas e as obras também são lidas no idioma original. Depois do neokantismo em suas várias encarnações e correntes simultâneas, a fenomenologia transcendental de Husserl desperta um interesse marcante. As grandes figuras do pensamento germânico tornam-se próximas e imediatas. Sua filosofia nos chega como uma coisa atual e viva, quase como uma constituição, e não como um eco distante do passado. (SOCIEDAD KANTIANA DE BUENOS AIRES 1942, p. 5)

O interesse pelos alemães a que se refere Romero ultrapassa em larga medida o interesse dos especialistas. Paladinos da discussão sobre a crise, sobre a sociedade de massas e sobre a imigração, esses autores alemães que Romero aciona reverberam através de uma poderosa rede de contatos internacionais que, a rigor, se desenvolvia no âmbito das relações privadas e de mecenato familiar – base social do circuito das revistas culturais. Bastante conhecida é, nesse sentido, a relação da *Revista Sur* com a *Revista de Occidente*, dirigida por Ortega y Gasset em Madri. Ao longo da década de 1930, esse circuito de sociabilidade privado legitimava-se de forma amplamente não estatal. Enquanto a universidade sofria, reiteradamente, intervenções de larga monta, essas iniciativas privadas legitimavam-se como instâncias culturais independentes. A existência de empreendimentos editoriais como *Nosotros* e *Claridad*, dentre outras, ajudam a visualizar a hipertrofia desse espaço ou, nos termos de Sarlo, o “clima de ampliação da oferta cultural” (2011, p. 50), que então vigorava. O recorte deste artigo privilegia uma publicação em especial, a *Revista Sur*, e uma coleção pontual, intitulada *Estudios Alemanes*, mas considera que tal empreendimento não pode ser totalmente compreendido se não pela consideração do universo das revistas e consagrações privadas descritas anteriormente neste artigo.

Fundada por Victoria Ocampo em 1931, a revista cultural *Sur* incluía, em seu núcleo de colaboradores permanentes nomes como José de Ortega y Gasset, Waldo Frank, Drieu de la Rochelle, Jorge Luis Borges, Leo Ferrero, Eduardo Mallea e Henrique A. Murena. Muito embora não seja possível definir uma fronteira clara ou estável entre os escritores vinculados à *Sur* e à universidade daquele período, o trânsito que havia entre ambas as instâncias era restrito e, quando se dava, norteava-se pelo acúmulo de prestígio alheio à universidade. Essa relação era desigual inclusive em termos de notoriedade no campo, na medida em que o próprio pertencimento a uma universidade sob intervenção tendia a desqualificar as falas escolásticas, enquanto as instâncias privadas reivindicavam

uma espécie de “capital moral”, por não se submeterem às investidas do Estado.

Apesar da alegada neutralidade, não se pode deixar de notar a quase completa omissão da revista em relação às tensões políticas desses anos. Conforme King (1986), os membros permanentes desse círculo se moviam num “estilo de convivência ideológica”, ainda que discordassem eventualmente entre si.<sup>2</sup> A partir dessa estratégia, segundo Miceli, a *Sur* funcionou, nos primeiros anos, baseada no prestígio que intercambiava com seus membros estrangeiros e que preenchiam as páginas da *Sur* com “retratos essencialistas que pretendiam quiçá validar a superioridade argentina na voz de intelectuais estrangeiros consagrados” (MICELI 2018, p. 41). Paulatinamente, a revista se torna o “carro chefe do *stablishment* literário” argentino, consagrando a atividade intelectual e literária “como prática reservada à minoria da inteligência e, ao mesmo tempo, propiciou a mediação exclusiva de um círculo de sociabilidade da alta burguesia” (MICELI 2018, p. 42)

A análise de Miceli, que procura se atentar aos aspectos morfológicos dos parceiros da revista em detrimento da narrativa mítica que se constuiu eventualmente em torno do empreendimento, ajuda a dimensionar o alcance da empreitada, que se projetava, mesmo em momentos de questionamento da ideia de neutralidade, como o “florão orgânico da minoria cultivada da oligarquia, em meio à crise política e doutrinária em que soçobrou o projeto de redenção nacional pelo alto” (MICELI 2018, p. 48). Nos famosos salões de San Isidro, propriedade da família Ocampo que funcionava como antessala da consagração cultural daqueles tempos, transitavam, segundo compilação de Miceli, nomes como Mallea, Erro, Caillois, Maria Rosa Oliber, Lanuza, Ureña, Arciniegas, Rougemont, Bunes e, eventualmente, dividiam a mesa com a sociabilidade francesa de Ocampo: Jean Hugo, pintor, bisneto de Vitor Hugo; Jean Godebski, amigo íntimo de Ravel; Baba de Faucigny-Lucinge, filha do banqueiro, e barão de Erlanger, dentre outros. Para uma revista literária, o alcance do empreendimento bancado

2 - “A participação em uma cultura comum (...) é sem dúvida um dos fundamentos mais seguros da cumplicidade profundamente enraizada dos membros das classes dominantes, apesar de diferenças no status ocupacional e condição econômica” (BOURDIEU 1967, p. 210). (Expressão retirada, já que o fato de as traduções terem sido feitas pela autora foi mencionado à p. 1.)

pela fortuna da família Ocampo é suntuoso. Entre 1931 e 1966 se editaram 305 números da revista, com uma periodicidade que variava entre mensal e quadrimestral (GRAMUGLIO 2007; SILVA 2005; PASTERMAC 2010).

Uma série de “edições comemorativas” de luxo foi publicada ao longo das décadas de 1970 e 1980, e o último número isolado é de 1992. É importante registrar que o momento de maior prestígio da revista ocorre, paradoxalmente, durante a época peronista. Apesar de declaradamente opositora ao regime, as análises que saem em suas páginas sobre o regime deposto em 1955 foram consideradas radicais demais, principalmente pelas novas revistas de esquerda que surgiam no contexto de abertura política, como a *Contorno*, fazendo com que a *Sur* perdesse, paulatinamente, seu posto como aglutinadora da oposição ao peronismo. É, portanto, num contexto de crise de seu prestígio como árbitro cultural, que a editora *Sur* publicará, nos anos 1960, a *Coleção Estudios Alemanes*.

Trata-se de uma coleção dirigida por Victoria Ocampo, Hans Bayer, Ernesto G. Valdés, Rafael G. Gigardot, Geo T. Mary e Henrique A. Murena. A composição da equipe indica algumas pistas sobre a proposta que norteará o empreendimento. Ocampo e Murena, membros da direção da revista, estavam associados a Garzón Valdés e Rafael Gutiérrez Girardot, ambos vinculados à universidade de Bonn, na Alemanha. Embora não fossem membros ativos da *Revista Sur*, mantinham com seus fundadores uma relação baseada no *ethos* familiar destacado por Miceli (2018). Geo T. Mary e Hans Bayer, por seu turno, aparecem apenas nominalmente na direção da coleção, como representantes das editoras alemãs que apoiaram o projeto. Vale a pena mencionar que o empreendimento *Estudios Alemanes* fica a cargo da editora *Sur* apenas até 1974. Dessa data até 1979, quem organiza as publicações é a editora Alfa, também de Buenos Aires e, finalmente, a editora Gedisa, de Barcelona<sup>3</sup>.

Há, dentre os livros publicados pela *Estudios Alemanes*, uma série de textos que pode ser imediatamente identificada

3 - Para saber mais sobre a mudança editorial da coleção, bem como para análise da composição dos diretores da coleção, consultar: MARTÍN, M. *Notas sobre la colección estudios alemanes: aportes e hipóteses para la historia de las ideas. Vide bibliografía.*

como representante da *Escola de Frankfurt*, são eles: *Teoria y Praxis*, de Habermas, 1966; *Filosofia de la nueva musica*, de Adorno, em 1966; *Ensayos escojidos*, de Benjamin, em 1967; *Cultura y Sociedad* de Marcuse, em 1967; *Crítica de la razón instrumental* de Horkheimer, em 1969; *Dialetica del iluminismo*, de Adorno e Horkheimer em 1970; e *Sobre el concepto de hombre y outros ensayos*, também de Horkheimer, em 1970. Observamos que, com a exceção cronológica de Habermas, trata-se do que Martin Jay (2008) qualifica como o núcleo identificável do Instituto para Pesquisa Social<sup>4</sup>. A curiosidade que inaugurou essa reflexão, a saber, por que uma revista liberal estaria publicando autores de filiação marxista, pôde ser aventada a partir do fato de que essas publicações estão dissolvidas – inclusive temporalmente, em uma série de outras que distam substancialmente da perspectiva da teoria crítica. A título de exemplo, citamos *Fundamento y abismo de poder*, de Dolf Sternberger, cientista político; *Hombre y Mundo em la Filosofia Comunista*, do jesuíta neotomista e ex-professor do Instituto Oriental Papal de Roma, Gustav Wetter; *Perfección y Fracaso de la Tecnica*, do filósofo Ernst Junger; *Humanismo Occidental*, de Hug Friedrich, filólogo e teólogo; e *Pensamento Metódico*, do matemático e lógico Paul Lorenzen, todos publicados nos últimos 5 anos da década de 1960.

Observando a listagem e a datação das obras publicadas no escopo da coleção, é possível analisar algumas das *operações de enquadramento* levadas a cabo pela coleção, que podem ser esboçadas através da análise das escolhas dos títulos e da não ordenação temática dos autores. Ainda que os frankfurtianos pudessem, sem contrassenso aparente, aparecer numa publicação sobre “pensamento alemão”, o fato de que eles não aparecem sendo escola, não se sucedem, e tampouco são apresentados como membros de uma determinada vertente teórica, acaba por diluir as diferenças políticas nas escolhas de publicação ou, ao menos, torná-las menos identificáveis para um leitor não familiarizado de antemão com o projeto do Instituto de Pesquisas Sociais. Nesse sentido, a vinculação inaugural dos autores ao marxismo é preterida em nome de

4 - Trata-se do empreendimento basilar do que depois ficou conhecido como “escola’ de Frankfurt. Foi fundado em 1905 por Felix Weil e aglutinava pensadores interessados em repensar os temas clássicos do marxismo. Sobre a figura singular de Weil e os primeiros anos do Instituto é possível consultar TRAINER, M. *El enigma de Félix. Los Orígenes argentinos de la Escuela de Francoforte*. Rev. Espacios, n. 16, jul-ago, 1995, p. 37-48.

uma significação autóctone das obras. Vale a pena mencionar, como o faz sistematicamente Horacio Tarcus em sua história da difusão do marxismo na Argentina (TARCUS, 2018), que a circulação de Marx e do que Perry Anderson (2019) chamou de “marxistas heterodoxos” na Argentina, tem origens anteriores e remonta à discussão da virada do século XIX para o século XX, notadamente a partir da primeira geração de positivistas interessados nos novos debates das ciências sociais. Autores como Ernesto Quesada, professor de Sociologia da UBA e figura central nos debates intelectuais da primeira década do século XX, e José Ingenieros, editor, juntamente com Leopoldo Lugones, do periódico *La Montaña*, responsável por colocar em circulação, a partir 1908, grande parte do repertório marxista de análise da realidade, são componentes dessa primeira geração de leitores de Marx.

Este artigo considera, nesse sentido, que a recepção dos autores frankfurtianos pela revista *Sur* não é mais ou menos arbitrária que as anteriores, mas que possui, isso sim, especificidades constitutivas da própria posição da editora no universo letrado argentino. Esta peculiaridade pode ser observada, inclusive, em uma análise comparada da tradução dos mesmos autores realizada na década anterior pela editora Paidós, aos cuidados do sociólogo Gino Germani<sup>5</sup>. O fato de que Adorno, por exemplo, tenha sido divulgado através de dois caminhos tão dissímiles, a sociologia empírica de Germani e a retórica esteticista de *Sur*, ajuda a compreender os efeitos das escolhas editoriais que se destaca neste artigo.<sup>6</sup>

À diferença do caso da Paidós, inclusive, não aparece, na coleção da *Sur*, nenhuma reivindicação clara de filiação, nada que indique que aqueles autores pudessem funcionar como avalizadores da perspectiva dos tradutores<sup>7</sup>. Não há prefácios, tampouco preocupações evidentes de elaborar uma seriação das obras. Além disso, a intenção do projeto, conforme seus idealizadores, é ser apolítico. Independentemente da possibilidade de que um projeto dessa natureza possa ou não ser pensado como apolítico, interessa o que essa retórica de

5 - Nesse sentido é possível consultar TEDESCO, A. *A circulação do vocabulário psicanalítico na Argentina a partir da mediação frankfurtiana: 1940-1960*. In: SOUZA, Marilene Proença Rebello de; DIGIOVANNI, Alayde Maria Pinto; CINCINO, Hugo; MORA, Rogelio de la (Org.). *Cultura e história na criação intelectual na Europa e na América Latina, séculos XIX e XX*. 1 ed. São Paulo: Instituto de Psicologia USP, 2019, v. 1, p. 477-490 e BEN PLOTKIN, M. *Freud in the pampas. The emergence and development of a psychoanalytic culture in Argentina*. Stanford University Press, California, 2001.

6 - Uma reflexão mais abrangente sobre os efeitos sociais das políticas de tradução pode ser encontrada em HEILBRON, J. *Toward a sociology of translation*. V. 2 issue: 4, p. 429-444. Issue published: November 1, 1999 e HEILBRON, J.; Guilhot, N. & Jean-Pierre, L., *Vers une histoire transnationale des sciences sociales. Sociétés Contemporaines*, 1(73), 2009.

7 - O diálogo entre o argumento deste texto e a coleção da Paidós foi publicado em TEDESCO, A. D. F. *Operaciones de encuadre y el efec-*

neutralidade informa sobre as operações de enquadramento e sobre os espaços políticos que ela reivindica. Luiz Ignacio García (2014) já destacou a singularidade da empreitada: num sentido estrito, a revista que representava simbólica e materialmente a oligarquia liberal foi quem traduziu, de modo inédito, não apenas alguns textos isolados dos marxistas de Frankfurt, mas, precisamente, o núcleo duro de seu pensamento. Partilho, ademais, da ponderação de García (2014), quando destaca que a coleção levada a cabo pela *Sur* pode ser observada a partir de uma filiação tradicional:

A vertente que poderíamos chamar de 'ideias' na revista sempre se estabeleceu na tradição do pensamento alemão, mais do que no francês, e muito mais do que no anglo-saxão. Pensemos na forte marca neospengleriana nos ensaios de Mallea, Martínez Estrada ou Carlos Alberto Erro, mas principalmente na formação estritamente alemã dos filósofos mais profissionais da revista, como Francisco Romero, ou também, embora menos próxima do grupo, Carlos Astrada ou Miguel Ángel Virasoro. Tampouco os episódios isolados podem ser mais isolados, mas não menos relevantes, como a destacada presença na revista do talvez maior músico e musicólogo argentino do século XX, Juan Carlos Paz, seu militante defensor da vanguarda de Arnold Schönberg, e seu trabalho incansável na difusão da 'nova música' em nosso país (GARCIA 2014, p. XX ).

*to de Midas invertido: traducciones de la escuela de Frankfurt en Argentina. In: DÍAZ, César Zamorano (Org.). Escrituras en tránsito. Revistas y redes culturales en América Latina. 1ed. Santiago do Chile: Cuarto Propio, 2018, v. 1, p. 10-22*

Ao longo de toda sua existência como revista, o grupo *Sur* reivindicou uma sorte de tutela do gosto na Argentina. Assim, os apelos de trazer o "bom e o belo" para os leitores argentinos não é exatamente novo nas páginas da revista. Um dos tópicos iniciais de fundação do periódico, já em 1931, é precisamente julgar os autores pela qualidade de seu trabalho e pelo que tivessem a contribuir para a sofisticação dos hábitos leitores da elite portenha. Não nos pode passar despercebido, se pretendemos destacar a singularidade desse empreendimento, que a *Sur* já havia publicado outros autores de fundo marxista, como Gramsci, e que já havia levado a cabo uma ampla discussão sobre Sartre, inclusive com a publicação, em 1947, de *El Existencialismo es un Humanismo*, na íntegra.

Contudo, como notam Terán (2004) e Silva (2004), essas publicações heterodoxas ao longo do peronismo estiveram inseridas em uma reflexão existencialista da própria ideia de compromisso, relacionada com a possibilidade de resistência individual diante do que consideravam como a ameaça totalitária à vida contemplativa e a seu *ethos* aristocrático. Assim, muito embora vinculado a uma tradição crítica, o debate sartreano não contradizia a postura da revista durante o regime peronista, e o próprio conceito de intelectual que emerge do filósofo francês – ao menos antes da década de 1960, não é estranho aos debates da revista e a seu projeto de posicionamento no mundo intelectual. Efetivamente, a revista se alinhava mais às análises que pensam o engajamento intelectual em si mesmo, como defesa da existência da posição intelectual independente de questões pragmáticas da vida política. O filósofo francês, por seu lado, estava mais interessado no engajamento prático, partidário. Contudo, os estudos em torno do movimento existencialista vêm destacando uma mudança importante na obra sartreana nos anos 1950, momento em que os estudos clássicos de *O Ser e o Nada* dão lugar a uma opção mais direta pelo engajamento político. Nesse sentido, a própria significação que a *Sur* imprime ao autor de *A Náusea* pode ser um indicativo da importância das operações editoriais para a consagração de determinada visão do pensamento sartreano na Argentina.

Segundo Gaston Valdez, amigo pessoal de Murena e responsável por propor o projeto à editora Sur, a ideia era publicar literatura alemã de qualidade, sem filtro ideológico. Editavam-se, com apoio financeiro do governo alemão, entre 2000 e 3000 exemplares de cada livro, sendo que 1000 eram imediatamente comprados pelo Ministério das Relações Exteriores alemão para divulgação da cultura germânica (GARCIA, 2014). Essa compra garantia o financiamento da empreitada, que não onerava, portanto, o grupo *Sur*. Ao longo do projeto, a coleção foi vendida para a editorial *Gedisa*, na qual foram publicados os últimos números, já na década de 1990. Victoria Ocampo, diretora da revista e sua grande mecenas, nunca se interessou pessoalmente pela coleção,

conforme o atestam os diretores do projeto, apenas emprestou seu prestígio à empreitada, deixando o trabalho de escolha dos textos à comissão supracitada de editores. Em entrevista de Valdez a Luiz Garcia (2014), a proposta de neutralidade das escolhas de edição é descrita nos seguintes termos:

a seleção de trabalhos, por exemplo, de Benjamin, Adorno ou Marcuse, não foi feita porque eles faziam parte de um grupo ou escola, mas por causa da qualidade individual desses autores. Em outras palavras, não pretendíamos traduzir a Escola de Frankfurt porque poderia ter consequências políticas, seus autores nos pareceram excelentes (*apud* GARCIA, 2014, p.138).

Para além, todavia, dessas alegações de neutralidade, alguns mecanismos observáveis pelas escolhas da edição podem nos ajudar a perscrutar o sentido dessa operação de enquadramento. Salta aos olhos, de início, o fato de que, numa coleção que pretende apresentar ao leitor de fala espanhola os principais nomes do pensamento alemão, não exista, a rigor, um trabalho de prefaciamento dos livros, tampouco de notas de tradução que indiquem algum tipo de comentário sobre os textos.

Se pensamos, com Boltanski (1975), nas operações de importação como transferências de valor, do autor exportado para o autor exportador e vice-versa, a ausência de prefácios – *locus* por excelência, para esse autor, desse comércio de valores, seria preciso investigar o efeito dessa escolha como fiadora da pretensão de apoliticismo da coleção. Se, por um lado, a ausência de prefácios pode indicar a ideia de que o texto traduzido está consagrado de antemão; por outro lado, o fato de a Editora Sur emprestar seu nome e sua história no campo à coleção ajuda a desestimular possíveis leituras engajadas eventualmente factíveis das obras dos frankfurtianos. Observamos, para tanto, uma das poucas ocasiões em que há, na orelha do livro, uma breve indicação de leitura. Trata-se justamente do livro de Habermas, publicado em 1966, em consideração redigida por Carlos Silva:

Este livro, com o qual a Coleção de Estudos Alemães continua, que o Editora Sur começou a dar a conhecer as melhores expoentes do pensamento alemão atual, deve ser lido em princípio como estudos históricos preliminares para a investigação sistemática da relação entre teoria e prosa no campo das ciências sociais (...) O leitor que queira completamente este livro deve superar dentro de si todos os confortos dos hábitos mentais. (SILVA *apud* HABERMAS, J. Sur, Estudios Alemanes, 1966, orelha).

Difícilmente depreende-se, desse comentário sobre o livro de Habermas, algo além da indicação de que se trata de uma leitura sofisticada, acessível àqueles que se dispusessem a ter “hábitos mentais” cultivados e ecléticos. Observamos que o efeito de neutralidade que se revela na ausência de comentários críticos sobre os textos revela, sobretudo, as escolhas de campo operadas pela coleção: o público dos *Estudios Alemanes* não é substancialmente distinto da audiência já consolidada da revista, conjunto de leitores que está, nos anos 1960, senão em declínio, ao menos incomodamente instável. Mariano Martín (2017) destaca que a estrutura material da edição, sem capa dura e com custos de impressão bastante reduzidos, indica que havia a intenção de que ela ganhasse um caráter de massas. Efetivamente, trata-se, no caso deste artigo, de considerar que os efeitos da divulgação da coleção pela *Sur* não são diretamente tributários da intenção de seus organizadores. Nesse sentido, como pontua Garcia, não deixa de parecer contraditório que, apesar dessas triagens de sentido, “foi através das páginas da muito sarmentina *Sur* que pela primeira vez se disse na Argentina que não existe documento de cultura que não seja ao mesmo tempo documento de barbárie” (GARCIA 2014, p. 144). (Grifo meu).

Se o pensamento alemão foi associado, na maioria das vezes, à reação antipositivista, o caso das escolhas de publicação levadas a termo pela *Sur* ajuda a matizar o fato de que não há um pensamento alemão e, muito menos, um recorte de leitura único de seus autores. Trata-se, sobretudo, de fazer funcionar, no campo intelectual argentino, os coeficientes de prestígio e de tradição que a referência a esses autores

implica. Assim, acionar os frankfurtianos a partir do que têm a dizer sobre o temor da sociedade de massas é, além de operar um recorte muito específico – desvinculando-os do repertório emancipatório que, de modo geral, se segue do pessimismo dos autores, angariar argumentos de autoridade capazes de avalizar a própria “meta civilizatória” da revista: diante de um mundo ultrarracionalizado, dominado pelo positivismo e pelas soluções autoritárias, preservar um espaço de racionalidade e cultivo do gosto.

Na década de 1960, a comunidade acadêmica alemã não funcionava mais como a referência central nas ciências humanas acadêmicas. O modelo de universidade americana, somado às baixas causadas pelos exílios intelectuais durante o período nazista, já haviam alocado a antiga e tradicional universidade alemã em posição coadjuvante nas hierarquias de consagração internacional. Traduzir os alemães num momento de declínio de seu prestígio internacional, contudo, tem sua razão de ser, trata-se de traduzir a tradição e, com ela, um mundo que se encontra em pleno ocaso, de modo a reabilitar uma figura central para o repertório simbólico da *Sur* e dos *gentleman* escritores: a figura, tipicamente alemã, do sábio. Como salienta King, as escolhas da revista sempre primaram por uma unidade ligada a um *ethos* geral, mais que a “qualquer declaração de princípios” (KING 1986, p. 3). Reabilitar o sábio é reabilitar, muito antes que um conjunto explícito de teses, um modo de adquirir e professar cultura.

Se, por um lado, é difícil desvincular um nome como Adorno, por exemplo, da tradição marxista, não parece despropositado associar sua figura a esse tipo de atitude intelectual que informa a história da revista *Sur* e seu posicionamento no campo. Igualmente, a figura de Benjamin, morto e perseguido pelos governos autoritários da Europa das décadas de 1930 e 1940, também evoca a causa do intelectual comprometido com os valores do espírito que perece na sociedade massificada. Assim, as escolhas editoriais da *Sur*: o Adorno mais ensimesmado; o Horkheimer mais metafísico; e, por fim, um quase enigmático

Walter Benjamin, deixam antever uma possibilidade de concordância simbólica que ultrapassa as fronteiras teóricas: trata-se de reivindicar um modo de ser intelectual, um estilo. Nessa comunhão estrutural, que se dá no âmbito das atitudes e da autopercepção sobre a identidade intelectual, muito mais do que no âmbito estrito das teses, a operação de enquadramento que este artigo destaca ajuda a antever a asserção de Bourdieu de que operam, nas escolhas teóricas, pressupostos anteriores. É também através dessa concordância no dissenço (BOURDIEU 2002, 2008) que as posições relacionais no universo letrado argentino validam-se reciprocamente, mobilizando o consagrado repertório clássico de matriz alemã para conter, eventualmente, iniciativas modernizadoras que pudessem romper o consenso social que orientava as práticas intelectuais. Pode-se manter em vista, por exemplo, a similaridade temática da já mencionada pergunta de Alejandro Korn “valeria a pena empregar longos anos de cálculos teóricos e de ensaios heróicos para construir o avião e, em seguida, destiná-lo ao assassinato com a mesma brutalidade ancestral? (KORN 1944, p. 15) e da pergunta que norteia a *Dialética do Esclarecimento*, também publicada pela *Sur* em *Estudios Alemanes* “O que nos propuséramos era, de fato, nada menos do que descobrir por que a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie” (ADORNO, HORKHEIMER 1975, p. 11)

Um dos autores mais próximos de *Sur*, desde sua fundação, o controverso Drieu de la Rochelle, ajuda a apresentar a atitude intelectual que tento aqui prescrutar. Segundo Ygnan-Saint (1984), Drieu foi um dos poucos de sua geração que não cedeu às pressões do engajamento, o que favoreceu que sua obra fosse reabilitada num momento de descrédito da salvaguarda moral das posições engajadas durante a segunda Guerra. Em seus termos,

A reflexão de quase todos os escritores tentados pelo fascismo passa por um ponto comum: a percepção mais ou menos aguda dos perigos que ameaçam a civilização ocidental, o problema do

declínio, real ou suposto, do Ocidente. Em Drieu, essa ideia de decadência é uma presença quase permanente, uma verdadeira obsessão (YGNAN-SAINT 1984, p. 18).

Não fortuitamente, apesar do manifestado apoliticismo, uma das maiores tiragens da *Estudios Alemanes* é a obra de Ernst Junger, *Perfección y Fracaso de la Técnica*, publicada pela coleção na significativa data de 1968. Nessa obra, lemos a defesa de que a utopia da técnica é firmada no futuro, “a utopia exige um esquema que permita um desenvolvimento racional e a técnica é o esquema mais apto dessa índole que existe hoje” (JUNGER 1968, p. 7). Distante da figura profética, o utopista apenas projeta o futuro a partir de possibilidades do presente, um procedimento absolutamente racional. Além disso, seu utopismo funcionaria apenas para satisfazer nossa inteligência com um pouco de probabilidade, utilizando a ciência no argumento para ocultar o fabuloso de sua fábula. O bálsamo da utopia científica, diz Junger, não é para sua época, “o positivismo é sempre uma ocupação para épocas tranquilas” (JUNGER 1968, p. 9). Junger se coloca contrário a um ponto sensível dos debates de seu tempo: a democratização fundamental dos benefícios da civilização moderna e diagnóstica, nessa narrativa, um erro pernicioso, a saber, aquele que defendia o uso da técnica para uma finalidade que não fosse a de incremento da própria técnica. Elege, nesse sentido, uma falácia: a de que a técnica leva ao ócio o qual leva, por sua vez, à contemplação. A contemplação não é para todos, frisava Junger, não é possível afirmar que o operário com tempo livre usaria espiritualmente o ócio: ao contrário, o ócio seria o caminho de sua decadência. Que a técnica produz a riqueza ninguém duvida, segue o autor, mas a riqueza como ter, não como ser, sendo essa última modalidade uma prerrogativa indelével de alguns indivíduos seletos. Em seus termos, “não há sintoma mais seguro e infalível da pobreza do que a progressiva racionalização da organização, a administração generalizada e a economia do homem encarregado de uma burocracia de especialistas especificamente instruídos para esse fim” (JUNGER 1968, p.17).

Não foram poucas as ocasiões em que a *Sur*, mesmo durante seus anos mais combativos, os anos 1950, optou por críticas tangenciais ao regime peronista, em detrimento da confrontação aberta. O vocabulário de Junger, especialmente a crítica da técnica, nesse sentido, organizava as críticas ao mundo peronista, manifestando a desconfiança constitutiva que a nutria em relação ao mundo da eficiência que parecia evidente nos discursos de Perón e se aproximando da literatura de catástrofe, de matriz alemã. Dessa desconfiança se depreendia, por consequência, a hostilidade em relação ao tipo de intelectual que pactua com esse mundo técnico. Sucintamente, se o reino das ideias não deveria ser dominado pela técnica, o intelectual não poderia ser, ele próprio, um técnico. Que o peronismo tenha, em seu bojo, um poderoso aparato de mobilização simbólica e, nesse sentido, sua construção narrativa esteja mais ligada a componentes emocionais de integração do que a uma adesão completa ao que a *Sur* qualificava como “racionalidade técnica”, não era suficiente para dirimir seus membros mais antiperonistas da posição de que mesmo os componentes não técnicos do peronismo eram, em si mesmos, manifestações de uma astúcia tecnocrática. Tal posição pode ser visualizada no famoso editorial de Borges para a edição 257 da *Sur*, logo após a queda do Perón, sugestivamente intitulado *L' Illusion Comique*.

Nessa operação, um autor tão distante das opções teóricas de Junger como é o caso de Adorno, pode funcionar, sem maiores problemas, na economia do argumento. Acompanhe-se, por exemplo, suas *Minima Moralia*, na qual ele narra uma situação em que os poderes objetivos dominam os indivíduos, departamentalizando seu espírito, “como se a classe de que os intelectuais independentes, dos quais desertaram, deles se vingassem, impondo coercitivamente as suas exigências onde o desertor busca refúgio” (ADORNO 1992, p. 11). Nesse mundo hostil, o que nada quer é suspeito, perde-se na socialização que o domina, “as relações turvas infiltram-se onde quer que ainda exista a aparência da liberdade” (ADORNO 1992, p. 13) de modo a promover o espírito igualitário que, no mundo da

técnica, é o que une pela bestialidade em comum. A ciência, além de ter se tornado maior que a filosofia, agora tentava abocalhá-la. Adorno advoga, então, por um pensamento que não tenha que demonstrar seu passo a passo. A delicadeza, sintetiza, tem a ver com desinteresse, sendo preciso manter a defesa de uma possibilidade especificamente teórica, que não se justifique apenas por sua utilidade.

A tradição alemã que repercute nos termos de Adorno, Horkheimer e Benjamin não é outra senão aquela que informava, a seu tempo, Jaspers em “a situação espiritual de nossa época”.<sup>8</sup> Isso não significa que se trate de uma concordância teórica nem de um desenvolvimento lógico das teses, mas apenas que os une uma filiação de problemas compartilhados e de temas latentes, a *técnica* e a *crise* sendo dois dos mais resilientes. A conversão íntima e a preservação de si numa sociedade massificada, outrossim, um diagnóstico bastante frequente nessa literatura de catástrofe, foi capaz de unificar numa congruência de diagnósticos a antiga tradição do romantismo alemão com uma aposta como a de Benjamin para quem, afinal, a crise aparece como pauperização da experiência e como “perda”. No mesmo sentido, ao alocar a tradição frankfurtiana no espectro ‘continental’, D’Agostini destaca a resiliência dessa literatura de catástrofe: “à positividade do objetivismo científico opõem [os frankfurtianos] à negatividade de uma teoria crítica” (2003, p. 61). Para além da confluência temática, conforme salienta Gouldner,

*8 - Para uma análise mais específica sobre a relação das teses de Horkheimer com a tradição alemã (Schopenhauer e Heidegger), é possível consultar a obra de Ciro Marcondes Filho (2011).*

Em uma de suas dimensões básicas, a Teoria Crítica conecta-se, sem dúvida, com uma hermenêutica que tenta formular interpretações para aprofundar a compreensão dos mundos sociais, em vez de elaborar leis que expliquem os fenômenos. E não há dúvida de que as raízes hermenêuticas dos tempos modernos remontam ao romantismo (GOULDNER 1979, p.317).

A figura do sábio alemão, nos termos de Gouldner,

que [ele] deve encontrar, solitário, seu caminho sem regras bem delineadas; que ele deve confiar em seus próprios recursos internos e muito pessoais de empatia ou intuição. (...) Trata-se, portanto, da imagem profética e reiterada do sábio alemão, cujo trabalho de estudo é concebido como uma forma de sofrimento e implica “a superação atormentada do eu” (1979, p. 322).

Vandenbergh (1998), dedicando-se à figura de Horkheimer, outro publicado pela Sur, diagnostica um elemento de tragédia e de pessimismo crescente em sua trajetória intelectual. Na *Dialética do Esclarecimento* – escrito em parceria com Adorno e publicado na *Estudios Alemanes* em 1970, já estaria estabelecida, para ele, a opção por explicar a decadência da civilização ocidental, em geral, e a deriva totalitária, em particular. Ademais, toda a trajetória de Horkheimer aparece, para Venderbergh, como desilusão. Suas formulações pertencem à ordem do regresso antropológico, sustenta o analista, e não do progresso. “Horkheimer e Adorno não hesitarão em interpretar todo o processo de civilização da humanidade em termos do desdobramento fatal de uma lógica diabólica de reificação que encontra sua origem no ato original da dominação da natureza e seu cumprimento na sociedade plenamente administrada” (VANDENBERGH 1998, p. 17). Os indivíduos sofrem o mundo, sob esse ponto de vista, e a marcha da história não os redime. A proposta de planificar a sociedade, que aparece como solução para grande parte dos frankfurtianos nos anos posteriores à guerra, não participa dessa primeira e original dimensão trágica, e também não aparece, como era de se esperar, em Sur.

Em *O eclipse da razão*, Horkheimer é ainda mais claro quanto à desconfiança em relação ao potencial emancipatório da ciência e da técnica. Referindo-se à confiança positivista, ele se perguntará “Claro que eles não estão cegos para os usos destrutivos aos quais se destina a ciência; mas proclamam que tais usos são perversões. É verdadeiramente assim?” (HORKHEIMER 2002, p. 63). A resposta do frankfurtiano é negativa e o argumento central dessa impossibilidade é a

equiparação, sem meios termos, entre positivismo e tecnocracia filosófica. O absolutismo científico, para Horkheimer, também precisa recorrer a princípios evidentes em si mesmos, tal como o 'obscurantismo' que ele ataca. "A ciência deve esperar pelo pensamento filosófico, como já foi formulado seja por filósofos seja por cientistas, para prestar contas da natureza da verdade, em vez de simplesmente erguer a metodologia científica como a definição suprema da verdade" (HORKHEIMER 2002, p. 78). O positivismo, em suma, glorificaria o mundo como ele é, sintetiza o autor, adotando o princípio da cultura comercial como verdade. Na análise de Matos (1993), inclusive, a crítica do positivismo pode ser entendida como um fator central da crítica frankfurtiana às análises sobre o totalitarismo que se esgotavam em aspectos políticos, opondo a elas uma versão metafísica dessa problemática:

Os frankfurtianos desenvolveram uma explicação sobre o fenômeno do totalitarismo que é de ordem metafísica: é na constituição do conceito de Razão, é no exercício de uma determinada figura, ou modo da racionalidade, que esses filósofos alojam a origem do irracional. Em nome de uma racionalização crescente, os processos sociais são dominados pela ótica da racionalidade científica, característica da filosofia positivista. Nessa perspectiva, a realidade social, dinâmica, complexa, cambiante, é submetida a um método que se pretende universalizador e unitário, o método científico. O positivismo, prisioneiro de seus próprios métodos, impõe um procedimento não social às ciências sociais (MATOS 1993, p. 7).

Na *Dialética do Esclarecimento*, Horkheimer e Adorno voltam a apontar que o problemático na contemporaneidade não é apenas a atividade, mas o sentido da ciência, na medida em que se a liberdade é inseparável do pensamento esclarecedor, o gérmen da regressão estaria em toda parte. Desse modo, "abandonando a seus inimigos a reflexão sobre o elemento destrutivo do progresso, o pensamento cegamente pragmatizado perde seu caráter superador e, por isso, também sua relação com a verdade" (ADORNO, HORKHEIMER 1975, p. 13). Na sequência, abordando o tema das massas,

tão reiteradamente presente nas páginas da *Sur* desde sua fundação, em 1931, lemos o diagnóstico de que

A disposição enigmática das massas educadas tecnologicamente a deixar dominar-se pelo fascínio de um despotismo qualquer, sua afinidade autodestrutiva com a paranoia racista, todo esse absurdo incompreendido manifesta a fraqueza do poder de compreensão do pensamento teórico atual (ADORNO, HORKHEIMER 1975, p. 13).

Nesse mundo, onde o indivíduo se vê anulado frente aos poderes econômicos, confunde-se o controle da natureza com o controle dos homens a partir do controle da natureza, de modo que, “numa situação injusta, a impotência e a dirigibilidade da massa aumentam com a quantidade de bens a ela destinados” (ADORNO, HORKHEIMER 1975, p. 14). Não se trata de reconstruir o passado, afirmam Adorno e Horkheimer, mas de reabilitar a confiança passada, em oposição ao passado presente que se prolonga como destruição do passado. “O que não se submete ao critério da calculabilidade e da utilidade torna-se suspeito para o esclarecimento” (ADORNO, HORKHEIMER 1975, p. 21), sentenciam os autores, reabilitando o tema-chave do pensamento alemão que já circulava na Argentina há algumas décadas, principalmente a partir das leituras de Weber, de Simmel e, mais diretamente, de Ortega y Gasset que já alertava, em 1922, para a situação trágica de um mundo que crê na razão de forma mítica.

Os escritos do pós-guerra, conclui Vandenberghe (1998), são marcados pela terminologia da tragédia: só restam ao indivíduo, nesse esquema, o automatismo e a abstração, trata-se da atrofia da razão dialética. A crítica não é mais para a mudança, mas para preservar as migalhas. Embora não se possa escamotear, numa leitura honesta da obra dos frankfurtianos, sua dimensão crítica em relação à sociedade liberal, procuro destacar que, no âmbito do diagnóstico, que é aquele em que se formulam as atitudes intelectuais diante do mundo, sua compatibilidade com a literatura de catástrofe

imprime sua marca. Se se aceita tal camada da aposta de Adorno e Horkheimer, pode-se afirmar que a operação de enquadramento de *Sur* não é menos ou mais oportunista que qualquer outra, alocada em qualquer ponto do espectro político: trata-se, com efeito, da reivindicação de uma atitude a partir de uma demanda intrínseca à posição da *Sur* no universo simbólico de seu tempo.

Conforme Miceli (2018), após a agudização das tensões da segunda guerra mundial, o desmanche da atitude altaneira da *Sur* “transparece na ginástica retórica a fim de preservar a insígnia de revista puramente literária” (2018, p. 56). Nesse contexto, nem mesmo a aproximação da *Sur* com o “humanismo integral” de Jacques Maritain, por exemplo, foi capaz de assegurar sua postura de distanciamento. Tudo se passa como se a *Sur*, nos termos de Miceli, apostasse na transmutação de lutas sociais em dilemas civilizatórios, de modo que mesmo seus autores mais afeitos a temas sociais não pudessem sair da prevalência do sentido ontológico desses temas, já que “se inscreviam na dicção de fôlego impressionista, intuicionista, inspirada em paradigmas europeus afeitos a deslindar a substância do ente nacional” (MICELI 2018, p. 68).<sup>9</sup>

Sinteticamente, pretendo destacar que circula, na Europa da virada do século, especialmente na Alemanha, uma enormidade de discussões inspiradas pelo temor da desaparecimento do indivíduo e, com ele, da primazia do intelecto, do monopólio intelectual, a partir dos processos de pluralização das instâncias consagratórias da modernidade. Esse sentimento de tragédia opera no caso europeu no sentido regressivo: a crise não contém em gérmen, necessariamente, sua superação. Com exceção talvez do estoicismo de Spengler, são diagnósticos mais que terapias, e é essa concordância que possibilita uma leitura em conjunto de um panorama tão dissímil de autores. Não se trata, evidentemente, de esgotar o mapeamento desses anos tão profícuos, mas, ao contrário, de localizar o *nomos* que unifica as premissas do debate. Essa tradição da literatura de tragédia chega a *Sur*, pois, também através da mediação

*9 - A cumplicidade de habitus se expressa, para Miceli, nas narrativas: “Enquanto os artilheiros da brigada destroçam as investidas materialistas do sociologismo, o sumo sacerdote ensaia o esboço da ontologia que lastreia os artifícios literários” (2018, p. 85).*

frankfurtiana e da tradição psicanalítica. A conexão temática e, eventualmente, as corroborações prescritivas que autores como Adorno e Benjamin possuem em relação à tradição do idealismo alemão permitem, é preciso frisar, a operação da *Sur*. Pode-se fazer muita coisa com um texto, mas não tudo. Há, nesse sentido, afinidades importantes entre as posições destes frankfurtianos (ao menos nos textos escolhidos pela *Sur*, que priorizam as obras mais 'especulativas') e as demandas de conservação das fronteiras simbólicas que a editora identifica na Argentina dos anos 1960 (VIÑAS 2005).

As escolhas editoriais de *Sur*, conclusivamente, contribuíram para manter sua posição estratégica no universo letrado argentino a partir de dois efeitos principais: inicialmente, a vinculação com a tradição alemã e com a figura do sábio/profeta, que pôde se depreender de certa mobilização editorial dos autores frankfurtianos, contribuiu para consolidar o dique de contensão em relação às pretensões científicas que se alocavam dentro da universidade, e que pretendiam substituir a figura do sábio pela do especialista. Vale a pena mencionar, nesse sentido, que as análises dos frankfurtianos ganharam impulso internacional a partir da Revolução Cubana e de Maio de 1968, situação que certamente favorecia, no contexto de um mercado editorial hipertrofiado, a circulação da coleção. Por outro lado, e também em decorrência disso, essa operação ajudou a reforçar a relação tensional entre universidade e esfera privada de produção cultural, na medida em que arvorava, para esse universo das revistas culturais, a prerrogativa de guardião de certa tradição intelectual ameaçada pela ciência, pela técnica e, no limite, pela massificação dos bens culturais.

Por outro lado, o fato de que tenham sido a *Sur* e, anteriormente, a coleção ligada a Gino Germani os primeiros a traduzirem os frankfurtianos em âmbito argentino – descontando a antiga e setorializada leitura de Luis García em seu curso de estética, que contribuíram para um efeito *sui generis* em sua circulação. Beatriz Sarlo, que narrou a "moda benjamin" nos círculos acadêmicos da década de 1980,

pontua em *Siete ensayos sobre Walter Benjamin*, publicado em 2000, que a circulação de *Estudios Alemanes* foi, em termos de público de esquerda, muito restrita, e que a maior parte das leituras de sua geração que tocavam em alguma medida os autores do Instituto de Pesquisas Sociais dera-se a partir de uma edição da Taurus, de Madri, já na avançada década de 1970<sup>10</sup>. Lido como um pensamento no mínimo suspeito pela esquerda radicalizada argentina, os autores do Instituto sofreram o efeito de “midas invertido”, que consistiu em serem traduzidos e associados a projetos em declínio no comércio de valores simbólicos daquele contexto de radicalização política. Apenas dessa forma, consideramos, se pode explicar que mesmo Marcuse, lido incessantemente pelos protagonistas de Maio de 1968 e engajado em uma série de movimentos que constituíram essa “radicalização” a nível internacional, não tenha circulado entre os estudantes universitários argentinos senão via edição Taurus: ao agregar o declínio de seu prestígio aos textos escolhidos, a operação de enquadramento que emerge nas escolhas de publicação restringe a própria eficácia da circulação dos textos, por mais aptos que fossem, numa leitura hermenêutica, a funcionar como referência teórica naquele momento.

10 - Nesse sentido é possível consultar ENTEL, A. LENARDUZZI, V. GERZOVICH, D. Escuela de Frankfurt. *Razón, Arte y Libertad*. Buenos Aires: EUDEBA, 2000.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Tradução Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1975.

ADORNO, T. W. **Minima Moralia**. Reflexões a partir da vida danificada. Tradução Luiz e Bicca. São Paulo. Editora Ática, 1992.

ANDERSON, P. **Considerações sobre o marxismo ocidental**; Nas trilhas do materialismo histórico. São Paulo: Boitempo, 2019, p. 17-71.

BEN PLOTKIN, M. **Freud in the pampas**. The emergence and development of a psychoanalytic culture in Argentina. Stanford University Press, California, 2001.

BOLTANSKI, L. Note sur les échanges philosophiques internationaux. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, v. 1, n. 5-6. Nov, p. 191-199, 1975.

BOURDIEU, P. As condições sociais da circulação internacional das ideias. Tradução Fernanda Abreu. **Revista Enfoques**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1., p. IV-117, 2002

BOURDIEU, P. **Homo Academicus**. Buenos Aires: Editora Siglo XXI, 2008.

BOURDIEU, P. Systèmes d'Enseignement et Systèmes de Pensée. Revue internationale des sciences sociales. - Volume XIX, n° 3, 1967. **L'Homme et la société**, N. 6, p. 209-210, 1967

COLLINS, R. **A global theory of intellectual change**. The sociology of philosophies. USA: Harvard University Press, 2001.

D'AGOSTINI, F. **Analíticos e continentais**. Porto Alegre, Ed. UNISINOS, 2003.

ENTEL, A; LENARDUZZI, V; GERZOVICH, D. **Escuela de Frankfurt**. Razón, Arte y Libertad. Buenos Aires: EUDEBA, 2000.

FABIANI, J-L. Faire école en Sciences Sociales. **Les Cahiers du Centre de Recherches Historiques**, 36, 2005, mis en ligne le 24 mai 2011. Disponível em: <http://journals.openedition.org/ccrh/3060>. Acesso em: 30 set. 2019.

GARCIA, L. **Modernidad, Cultura y Crítica**. La escuela de Frankfurt em Argentina (1936-1983). Tesis doctoral. Editorial Filosofia y Humanidades, UNC. Córdoba, 2014.

GOULDNER, A. **La crisis de la sociologia occidental**. Buenos Aires: Amorroutou, 1979.

GRAMUGLIO, M T. Sur: uma minoria cosmopolita na periferia ocidental. **Tempo soc.** [online], v. 19, n. 1, p. 51-69, 2007.

HEILBRON, J. **Toward a sociology of translation**. V. 2 issue: 4, p. 429-444. Issue published: November 1, 1999.

HEILBRON, J.; Guilhot, N. & Jean-Pierre, L., Vers une histoire transnationale des sciences sociales. **Sociétés Contemporaines**, 1(73), 2009.

HORKHEIMER, M. **Eclipse da Razão**. Trad. Sebastião Uchôa Leite. São Paulo: Centauro, 2002.

JAY, M. **A imaginação dialética**. Tradução Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

JUNGER, F. G. **Perfección y Fracaso de la Técnica**. Tradução Murena y Vogelmann. Estudios Alemanes. Buenos Aires Editorial Sur, 1968.

KING, J. Sur. **A study of the Argentine Literary Journal and its role in development of a Culture, 1931-1970**. Cambridge Iberian and Latin American Studies. London, 1986.

KORN, A. **La libertad creadora**. Buenos Aires: Losada, 1944.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O princípio da razão**. Tomo II, São Paulo: Paulus, 2011.

MARTÍN, M. Notas sobre la colección estudios alemanes: aportes e hipótesis para la historia de las ideas. **Revista de Historia Americana y Argentina**, v. 52, n. 2, p. 125-150, 2017.

MATOS, O. **A Escola de Frankfurt** - Luzes e Sombras do Iluminismo. São Paulo: Moderna, 1993.

MICELI, S. **Sonhos da periferia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

PASTERNAK, N. La Revista Sur: un cierto americanismo. In: CRESPO, R. (Coord) **Revistas en América Latina: proyectos literarios, políticos y culturales**. México; CIALC/ Eón Editores, 2010.

**Revista Sur** (1931-1969). Archivo de la Biblioteca de la Facultad de Filosofía y Letras / Instituto de Historia Argentina Emilio Ravignani e acervo pessoal.

SARLO, B. **El império de los sentimientos**: narraciones de circulación periódica en Argentina (1917-1927). Buenos Aires. Ed. Siglo XXI, 2011.

SARLO, B. **La batalla de las ideas (1943-1973)**. Buenos Aires. Emecé, 2007.

SARLO, B. **Siete Ensayos sobre Walter Benjamin**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Economía, 2000.

SILVA, C. [Orelha do livro]. In: HABERMAS, J. **Teoría y praxis**: ensayos de filosofía social. Colección Estudios Alemanes. Buenos Aires: Ed. Sur, 1966.

SILVA, P. R. As Revistas Sur, Contorno e a Nova Geração intelectual argentina. **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, n. 4., p. 64-84, 2005.

SOCIEDAD KANTIANA DE BUENOS AIRES. **Índice de la filosofía alemana traducida al español, 1935, 1942.**

Archivo del Instituto de História Argentina Emilio Ravignani.

TARCUS, H. A história intelectual e a problemática da recepção: Marx na Argentina. **Revista Outubro**, n. 30, maio de 2018.

TEDESCO, A. D. F. **A Argentina na periferia do tempo: a sociologia científica e um mundo novo para os intelectuais.** Tese de doutorado. IFCH, UNICAMP, Campinas, 2018.

TEDESCO, A. D. F. A circulação do vocabulário psicanalítico na argentina a partir da mediação frankfurtiana: 1940-1960. *In*: SOUZA, Marilene Proença Rebello de; DIGIOVANNI, Alayde Maria Pinto; CANCINO, Hugo; MORA, Rogelio de la (Org.). **Cultura e história na criação intelectual na Europa e na América Latina, séculos XIX e XX.** 1 ed. São Paulo: Instituto de Psicologia USP, 2019, v. 1, p. 477-490.

TEDESCO, A. D. F. Operaciones de encuadre y el efecto de Midas invertido: traducciones de la escuela de Frankfurt en Argentina. *In*: DÍAZ, César Zamorano (Org.). **Escrituras en tránsito.** Revistas y redes culturales en América Latina. 1ed. Santiago do Chile: Cuarto Propio, 2018, v. 1, p. 10-22

TERÁN, O. (org.). **Ideas en el siglo** - intelectuales y cultura en el siglo XX latinoamericano. Buenos Aires: SigloXXI, 2004.

TERÁN, O. **Nuestros años sesentas.** La formación de la nueva izquierda intelectual en la Argentina (1956-1966). Buenos Aires: Puerto Sul, 1991.

TRAINE, M. El enigma de Félix. Los Orígenes argentinos de la Escuela de Francoforte. **Rev. Espacios**, n. 16, jul-ago, 1995, p. 37-48.

VANDENBERGHE, F. **Une histoire critique de la sociologie allemande. Aliénation et réification.** Tomo II. Colection Recherches. Bibliothèque du Mauss. Paris. La decouverte, 1998.

VIÑAS, D. **Literatura argentina y política.** De los jacobinos porteños a la bohemia anarquista. Buenos Aires: Santiago Arcos ed, 2005.

YGNAN-SAINT, J.-L. **Drieu de la Rochelle ou l'obsession de la décadence.** Paris: Nouvelles éditions latines, 1984.

## AGRADECIMENTOS E INFORMAÇÕES

**Alexandra Dias Ferraz Tedesco** 

alexandra.tedesco@gmail.com

Universidade de Campinas

Campinas

São Paulo

Brasil

Esta pesquisa faz parte de tese de doutorado defendida na UNICAMP, em 2018, "A Argentina na Periferia do Tempo: A sociologia científica e um mundo novo para os intelectuais", orientada pela profa. Dra. Silvana Rubino e financiada pelo CNPq.